

As mídias digitais viraram extensões do corpo humano?

Seja pela necessidade de estar conectado ou pelo desejo de manter contato com pessoas de interesses em comum, hoje em dia, a internet atrai os jovens a ponto de competir até mesmo com o relacionamento familiar

Texto: Milanna Ambrósio

Imagem: Wando Luis

“Antes dos 10 anos de idade eu não tinha computador, mas isso nunca fez falta. Não era necessidade. Dia desses cheguei em casa e não tinha internet. Nossa! Eu tinha que ligar o computador, precisava acessar a internet. Era como se eu estivesse excluída do mundo”. Este é o relato de R. S¹, um jovem que – como muitos de sua geração – não consegue mais viver sem estar conectado ao mundo virtual.

Marshall McLuhan, grande estudioso da relação dos indivíduos com a tecnologia, previu antes mesmo da invenção da internet que os meios de comunicação eram como uma extensão do corpo humano. A máxima de McLuhan se aplica perfeitamente à geração que cresceu convivendo com meios digitais para se comunicar. A Geração Y – como são chamados os jovens que nasceram entre 1990 e 2000² – é cercada de mídias digitais que influenciam diretamente seu comportamento e relacionamentos interpessoais.

Com o objetivo de investigar a influência das mídias digitais na vida de adolescentes, Samyr Paz, 24, bacharel em Relações Públicas pelo Centro Universitário Univates, desenvolveu uma pesquisa na área. O resultado foi o trabalho ‘Geração Y e a Comunicação: Influência das Mídias Digitais no Relacionamento Interpessoal e Comportamento’. A pesquisa foi apresentada como trabalho de conclusão de curso de Paz.

Samyr entrevistou um grupo de oito jovens voluntários de 16 e 17 anos do Colégio Madre Bárbara, de Lajeado-RS. Segundo ele, a escolha se deu pelo fato de ser uma escola que possui, em sua maioria, adolescentes das classes A e B. “Uma classe social economicamente superior obtém um maior poder de consumo. Logo, estes jovens são potenciais consumidores de tecnologias e internet mais cedo, portanto, estabeleceram uma relação antecipada com as tecnologias”, explica.

Segundo pesquisa realizada em 2010, pela BOX1824 – empresa especializada em pesquisas de consumo e tendência –, estima-se que o número de jovens que compõem a Geração Y seja de 2,3 bilhões no mundo todo. “O que torna esses jovens tão relevantes é o seu comportamento e como ele está alterando o modo como vivemos, consumimos e nos relacionamos com a comunicação”, afirma Samyr.

1 As iniciais aqui citadas são de entrevistados por Samyr Paz em pesquisa (vide 3º parágrafo).

2 De acordo com Samyr Paz. Porém, alguns autores discordam sobre a data de nascimento dos pertencentes à Geração Y, mas, segundo o autor, o que classifica estes jovens não é necessariamente a data de nascimento e sim as características em comum, como a influência da internet.



Comportamento

A partir da conversa com os jovens, Samyr percebeu que eles constroem um tipo de personalidade na internet, que pode não corresponder ao real. Com tanta facilidade de postar o que querem, sem precisar provar que o que dizem, fica difícil separar o joio do trigo, o que é verdade do que não é. Outro problema relacionado à personalidade é que os jovens da Geração Y têm alterações no comportamento. Geralmente tornam-se narcisistas, não raro perdem a linha de raciocínio e têm o relacionamento familiar comprometido.

O narcisismo digital – como Samyr chama – é percebido na fala dos jovens. “Muitos têm a necessidade de mostrar o que está acontecendo em suas vidas”, confessou G. G., ao pesquisador. Geralmente, tendem a se preocupar se os amigos online vão curtir a nova postagem. Também têm com frequência o pensamento: ‘Será que esta daria uma

boa foto de perfil?”. Segundo eles, o Facebook é uma espécie de reputação online.

O problema é quando essas preocupações com a vida virtual passam a atrapalhar o raciocínio. “A gente não consegue manter uma linha de pensamento. É muito comum a gente estar falando uma coisa e se perder, esquecer, mudar de assunto”, revela G. G.. Samyr percebeu isto, durante a entrevista, quando um adolescente iria falar sobre relacionamentos interpessoais e perdeu o raciocínio. O pesquisador explica que este tipo de problema acontece devido aos jovens estarem acostumados com a existência de links na internet, o que permite que se mude apenas com um clique o que se está acessando na rede. Assim, eles não conseguem manter o foco em algo.

Relacionamentos familiares

Grande parte dos jovens da Geração Y ainda mora com os pais – como aponta pesquisa de 2012 feita pela empresa Hello Search, usada na monografia de Samyr. Setenta e quatro por cento deles acessam a rede de casa e navegam em média 31 horas por semana. O tempo se aproxima a uma jornada semanal de trabalho, que é de 40 horas.

Mas, com tanto tempo na rede, como fica a relação destes jovens com os familiares?. “Quando estou em casa, fico no celular conversando com outras pessoas. Acabo deixando meus pais de lado”, confessa A. L.. De acordo com Paz, esta é uma característica destes adolescentes. “A Geração Y fica tão absorvida no mundo online, tão entorpecida, que pode ficar desleixada em seus relacionamentos familiares, preferindo manter mais contato com os amigos”, afirma.

Em outros casos, há pais que conseguem manter um relacionamento sadio com seus filhos sem precisar competir com as mídias digitais. “Quando estou no meu quarto, minha mãe fica junto comigo. Nos conectamos no Facebook e vamos conversando sobre os acontecimentos que vemos na rede social”, conta L. D..

Dependência do mundo virtual

Por terem acesso às mídias digitais desde cedo, os jovens da Geração Y adotam o mundo virtual como ambiente natural, conforme aponta Samyr. Geralmente, ao acordarem, a primeira coisa que fazem é checar o celular ou mesmo o computador para saber das novidades. “Isso acontece principalmente no celular, que praticamente dorme comigo”, conta Mairon Aquino*, 17, estudante. O jovem admite que não gosta da prática, mas acaba sendo inevitável.

Filho de pais superprotetores, Mairon revela que mantém uma ‘vida virtual’ há cerca de seis anos, mas demorou a entrar para este mundo. “Com o passar do tempo, minha mãe – a que mais pegava no meu pé – notou que crescimento e maturidade são naturais. E isso resulta em liberdade. Aos poucos, virou algo de extrema naturalidade entre nós”, afirma.

O adolescente passa aproximadamente 48 horas por semana navegando na internet – somente nos dias úteis. Aos fins de semana, o tempo dedicado à rede é bem maior. Apesar de tudo, Mairon não se considera viciado no mundo virtual. “Consigo impor limites a mim mesmo. Entretanto, considero-me dependente. Até demais, como grande maioria, talvez”, diz.

Algo bastante comum na vida dos pertencentes à Geração Y é a participação em blogs e sites da internet. Isso acontece quando as pessoas que têm interesses em comum se conhecem e criam páginas para escreverem sobre o que gostam. Mairon divide a administração de um site de futebol com outros jovens e narra jogos em uma web rádio esportiva.

Futebol também é a paixão de outro jovem alguns anos mais velho que Mairon e que também pertence à Geração Y: Walter de Souza³, 22, estudante de jornalismo e colunista de um site de notícias do mundo da bola. Desde os 17 anos, o jovem faz postagens sobre o time de coração. Assim como Mairon, ele teve problemas com as pessoas próximas no início da ‘vida virtual’. “Hoje em dia não reclamam tanto, pois também faço atividades acadêmicas, além do lazer, mas já ouvi reclamações”, conta.

Por ser uma geração que convive e depende da internet desde cedo, estes jovens não imaginam como viveriam sem conexão com a rede. “Só me desligo (da internet) totalmente quando estou dormindo ou durante as aulas. Geralmente, quando estou em casa, está ligado (o computador)”, revela. Segundo ele, a vida sem acesso à internet seria complicada, pois precisa dela para manter contato com as amigas e fazer os trabalhos da faculdade, além de acompanhar portais de notícias.

De acordo com a psicóloga Sandréia Lobato, mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas, as relações interpessoais se perdem quando a pessoa faz uso do meio virtual como um hábito e não como necessidade. Por isso, o diálogo da família com os adolescentes é importante. “A família precisa ser a primeira a mostrar para o jovem que a internet tem o lado positivo, mas também tem o lado que pode comprometer o desenvolvimento e as relações deles”, afirma.

A psicóloga alerta que, ao criar virtualmente um universo paralelo para lidar com situações de conflito, o jovem já apresenta um tipo de adoecimento. “A partir do momento em que a pessoa não consegue mais lidar com os outros (pessoalmente), não consegue mais ter um relacionamento saudável, já existe um problema que interfere no desenvolvimento dela”.

Além disso, segundo Sandréia, os jovens que se tornam dependentes da internet dificilmente se reconhecem como viciados – geralmente dizem que precisam estar atualizados e que, se não estiverem, vão ficar por fora do que acontece no mundo. Como solução para o problema, ela propõe um tratamento específico: a terapia comportamental. “Ajudaria muito, pois, nela a pessoa observa seu próprio comportamento, faz uma autoanálise e avalia se a sua vida melhorou ou não depois do uso das mídias”, propõe.

McLuhan disse, décadas antes do surgimento da internet: “Qualquer invenção ou tecnologia é uma extensão ou autoamputação de nosso corpo, e essa extensão exige novas relações e equilíbrios entre os demais órgãos e extensões do corpo”. A afirmação nunca foi tão aplicável quanto nos dias de hoje, onde os jovens estão cada vez mais dependentes dos meios virtuais. Para qualquer um deles, o celular ou o computador é como uma extensão do corpo. Há quem diga, inclusive, que é como um membro e, se tirar, é bem provável que sangre! !

3 A reportagem conversou com dois jovens: o primeiro é de Manaus-AM e o segundo é de Viamão-RS.